

# 1,25 mg

*Catarina Runas Pontes*

*Jonathan Nicolas Ramos Dias*

\* Fotografias concedidas pelo autor do ensaio, anos de 2017 e 2018. Nas palavras do autor: “(...) Eu posicionei uma luz mais dramática na modelo, pedi para que ela ficasse em uma posição mais introspectiva e fui clicando. (...) nem eu sabia o porquê. (...) re- vendo alguns arquivos em meu HD, olhar estas fotos foi quase um choque. Estas fotos despertavam um sentimento que eu tinha quando as cliquei, um sentimento de dor, tristeza, culpa... cheguei a sentir pena de mim mesmo! Eu coloquei tudo o que estava sentindo nestas imagens. (...) Não posso te contratar – segundo balde de água fria quando eu estava em um processo seletivo para uma empresa de tecnologia. Você é um excelente candidato, mas tem fortes indícios de depressão. (...) primeira coisa que eu fiz foi buscar ajuda. Hoje já faço sessões de 15 em 15 dias. Consegui resolver muita coisa mal resolvida que havia dentro de mim. Eu senti o quão poderoso é o autoconhecimento e o quanto ele transforma.”

Eu nunca viajei solo. E logo na minha primeira viagem, antes de sair de casa me arrumei um torcicolo. Existem coisas bem chatas nesta vida e uma delas são os torcicolos. Isto me fez providenciar colocar na mala imediatamente uma pasta de sebo de carneiro. Foi um destes mimos bons que um grande amigo e professor me ofereceu, certa vez quando estive em sua casa para as tradicionais orientações de pesquisa. Assim como, para lhe ouvir falar sobre estas e tantas outras coisas, como, o quanto são eficazes para os tais mal jeitos musculares esta pasta produzida diretamente do sebo do carneiro. Se você já se deparou com aqueles cremes, do tipo vendidos em farmácias ou lojas cosméticas, que dizem ser feitos à base de sebos de carneiros, não se iluda ou perca seu tempo. Ou melhor, seu dinheiro. E a propósito os vidros são verde-escuro.

Talvez eu tenha sido injusta com a minha infância e pré-adolescência sobre a parte das viagens solo. E talvez mais injusta ainda com as tantas outras viagens de intercâmbio e outras formações acadêmicas fora do país. De fato, esta não era a minha primeira viagem solo. Talvez fosse aquela que pela primeira vez eu fazia com esta consciência. Aquela que nos diz que estamos por conta e risco de nossas próprias decisões e que na arquibancada olhando para e por nós está apenas a vida. Aquela que acontece em tudo e em todos que nos rodeiam. Era uma nova fase ou um outro tempo que começava para mim. Eu sentia fome. A primeira noite fora não tinha sido assim tão ruim. Mas, havia contabilizado algumas horas de insônia. A viagem fora tranquila e eu agora tinha a minha frente quinze dias, no campo.

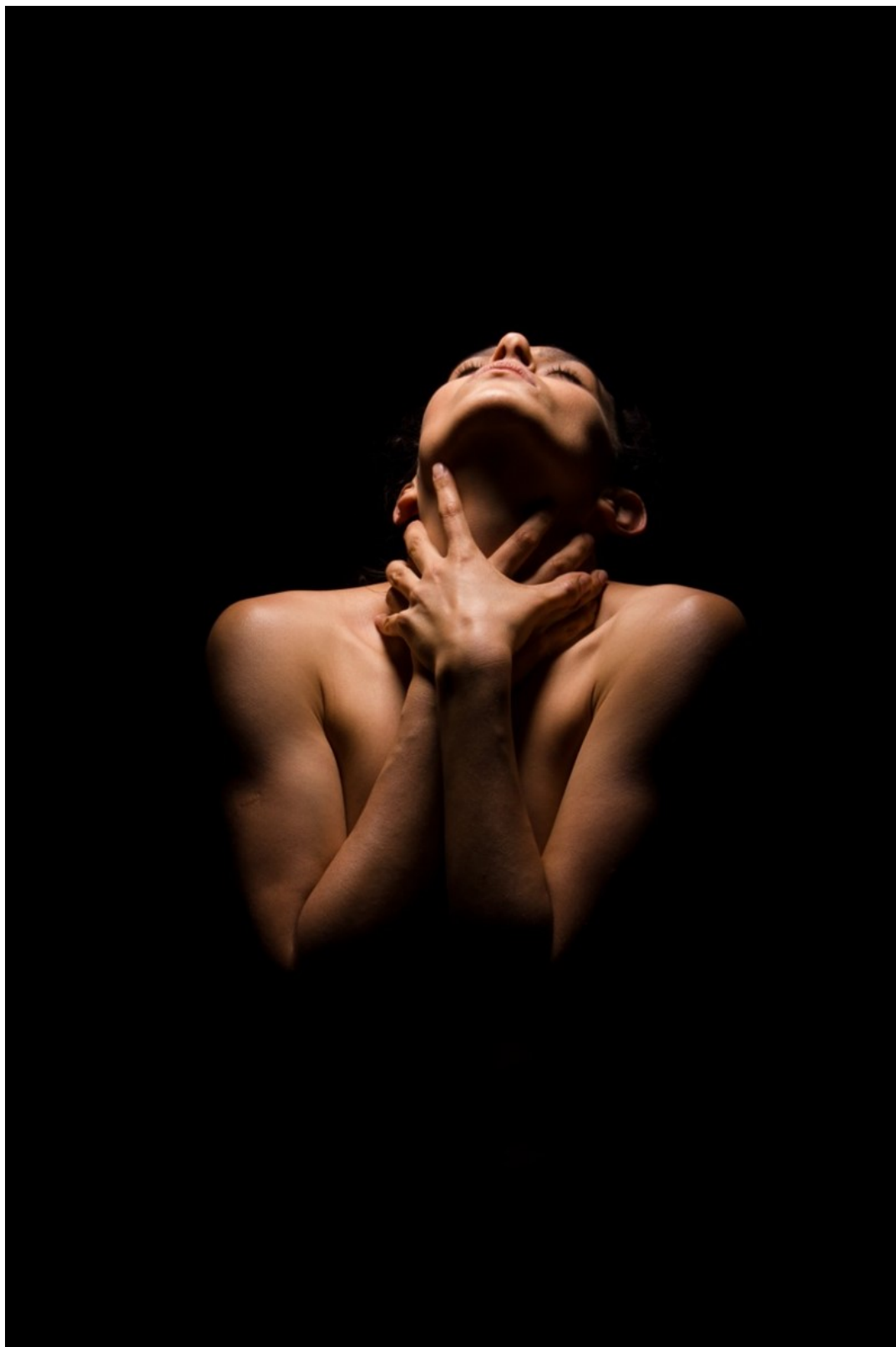
Sobre esta minha nova experiência de carreira solo, parecia que tudo nesta denominação assim, contribuía para a significação interior que apontava para uma busca por suportes, nutrição, solo, terra, chão. Uma carreira solo que ficava parecendo um rito de regresso ao encontro da minha força motriz interior. Força que além de motora precisava ser aquela que fosse responsável por me assegurar sustentação. Só assim, me abrindo um chão próprio, eu poderia dar os passos mais representativos e realizadores da minha singularidade. E poderia fazer algum sentido na experiência. Na acontecência dos encontros e desencontros. Agora o Sol se punha e o cata-vento já havia mudado de direção comparado com a manhã. O tudo quanto havia antes também havia mudado de direção e agora parecia apaziguado. Talvez. De toda forma o buraco ainda estava lá. Tanto aquele por onde entra a vida, quanto aquele que nos incita à companhia de mais alguém.

A estrada estava cheia para os tempos de nossa crise sanitária. Eu estava apa-

vorada com a possibilidade de igualmente adoecer. Digo isso pois já erámos só no Brasil quase 19 milhões de infectados. Ou seja, no mundo, nem se fala.

Companheiros de viagem.

Torcicolo.



Escrita. (Qual teria sido a fetichização *anymyas*, que eu havia criado em torno do escrever? Seria o meu refúgio encarnado? Seria isto, então, eu só consigo ser carne nas palavras, na linguagem?)

A conversa que se seguiu ao almoço foi no mínimo uma velha conhecida minha. Falei, nas entrelinhas do que nem sabia, sobre como me sentia, à Lourdes, que me ouvia com certa atenção. Não sei se me ouvia a amiga em construção e realização ou a terapeuta. Se era a terapeuta, confesso e reconheço, não faria o meu tipo. Quero dizer, havia muito aconselhamento presente em sua fala e atitude. Daqueles que, ainda por cima, pedem licença para acontecer pelo simples fato de assim se dizerem: “ -- e veja, aqui estou falando de mim, da minha experiência. ” Lourdes me pediu que eu observasse com qual energia entraria na próxima reunião.

E eu assim o fiz. E nisto precisamente estava o problema. Nunca tive dificuldades em me auto observar, aliás, carrego o peso de uma exímia maestria nisso. Primeiro observei, então, que por alguma razão não me importava, fosse com o material que precisava preparar para a apresentação da Fundação, fosse com os números da meta do projeto. E segundo que detestava a vida dos adultos que simplesmente sabendo o que precisa ser feito fazem. Me observando soube: queria morrer. Queria morrer de mim mesma e acordar sem aquelas malditas tonturas. Tinha tudo, mas tudo era tanto... E por quê? Decidi, então que para os dias que ainda se seguiriam, mudaria a pergunta e tentaria desfrutar. Do quê? Mal sabia.

Não tem nada de bonito ou romanticamente ideal neste lance de um autocohecimento. Tem-se um grito abafado, quadros estranhos, alimentos que por nada dão azia, extremo cansaço, e uma vida insuportável. Mas, ainda assim, se vive, por pura teimosia. Havia algo, porém de bem interessante acontecendo: a escrita. Não era a primeira vez que me acometia, mas agora estava sendo levada adiante. Ouvi que deveria escrever, assim como, quem escreveria o que diria. Se eu escrevesse, escreveria o que eu diria. E sobre qualquer crise existencial, eu diria que tem aspecto cultural de ponte. Vai te reunindo em torno de si, até que te atravessa, enquanto passagem que é. E tem peso de metamorfose. Como a das borboletas. Aquelas que ainda estão em seus casulos. Fosse as que já estão em voo, seria outra crise e existência. E isto me faz uma certa graça, inclusive.

Crise.

Faltava amor... por que o amor próprio não bastava? Não há amor que bastará, de qualquer forma. E eu deprimida lendo as mensagens da família e as reações de saúde de cada um com a vacina. Tempos saturantes.

Naquela tarde as coisas ficaram criticamente muito difíceis, Joaquim com quem eu dividia um chalé, falava alto e trabalhava no espaço que supostamente nos deveria ser comum, como se estivesse sozinho. Mais tarde entendi que se calhar ele estaria interessado, na verdade, em se exhibir. Tudo tão simples e eu tão alheia à vida ao meu redor. Eu tão despreparada para a honra do viver. Este verso de Symborska aos poucos me soa batido de tanto que o utilizo. Fiz absolutamente nada sobre os

incômodos que sentia em relação àquela experiência tão invasiva de tentar trabalhar em um espaço comum e ao mesmo tempo tão desrespeitado. Maldito patriarcado dos homens brancos, assim era Joaquim. Maldito patriarcado de qualquer homem que seja, que nos faz mulheres submissas a qualquer outro representado pelo o que quer que seja ou encarnado no que quer que seja. Maldita incapacidade de romper com isso de modo simples e direto. Já não havia feito o que queria desde a manhã, sob um razoável argumento de primeiro conhecer o caminho a pé antes de subir na bicicleta, e agora isso. Tinha perdido ao menos metade da minha tarde fazendo novamente aquilo que em nada me interessava ou sabia ou queria bem: suportando a grosseria de Joaquim em suas reuniões com o viva voz de seu computador ou celular.

À noite na hora do jantar as coisas conseguiram piorar. Mania tão irritante a minha de levar os ditos para servi-los à mesa, com a refeição. Tentei brincar com a situação, mas a atmosfera me parecia de estresse. Claro, eu estava, agoniada, insatisfeita comigo por ter sido tão pouco produtiva aquele dia. Mas, de que tudo isso importava quando estas linhas foram retomadas. A energia já era outra, mais um jantar e uma outra atitude na cena desta vida puta<sup>1</sup> que acontece na hora<sup>2</sup>. E sobre a produtividade, esta diz respeito, na verdade, à própria radicalidade – enraizamento – da razão instrumental acontecendo na experiência como uma fixação mental. Escapa-nos a Mente Liberta. E no lugar de uma atitude de imaginação, ou seja, um exercício de re-imaginar deliberado e consciente, o nada mais, um vazio.

Meu dom é construir com o que não há – intenção – e não fuga – isto não exclui o fato de que isso precisará partir do que há. Construir com o que há, em direção, ao que não há ainda. E aprender a fazer. Ou melhor aprender como é que se faz. E por acaso, alguém sabe como é que se fazem as Outras Economia? Eu sei pensá-las. Mas, eis que me está posto um desejo de realizá-las. E de escrever-com<sup>3</sup> elas.

1. Dito assim, inspirado no trecho da música “Segunda a Sexta” de Anelis Assumpção, álbum Taurina, do ano de 2018.

2. Inspirado no trecho do poema “A vida na hora”, de Wislawa Szymborska (2011).

3. É próprio do referencial conceitual da Teoria Ator-Rede, esta dimensão deliberada de um agir-com. A partir da qual toda formulação é uma coconstrução de sentidos e perspectivas. Para além de uma maior multiplicidade de variáveis possíveis, estas são consideradas igualmente atores que de modo interconectado atuam em rede. E a interconexão (o hífen da formulação), ela mesma é também um ator, um agente de atuação, uma variável de *enacts*. Por isso aqui um escrever-com as Outras Economias, que deseja, portanto, correalizar a escrita de uma narração que é comunitariamente correalizada por ela mesma.

C  
o  
m  
  
o  
  
q  
u  
e  
  
n  
ã  
o  
  
h  
á



Morrer é uma indecência. Naquela noite morria em nosso país Paulo Gustavo – ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador brasileiro.

Fiquei sinceramente olhando para aquilo tudo e sem entender nada. Havia muito de um sentimento absolutamente familiar. E, como tudo que é próprio daquilo que deriva desta significação: família, aquilo que acontecerá gerava um profundo desconforto emocional. Isso porque esta dimensão tem o poder de me revirar intimamente. Achei “pra lá” de muito estranho, para não dizer pouco acolhedor, que as pessoas ao meu redor não celebrassem comigo a minha alegria de encontrar a Catarina. Seria a primeira vez que nos veríamos presencialmente. Mas, agora já considerava que se calhar o mal-estar estivesse posto porque naqueles tempos pandêmicos, seria mais uma pessoa a se aglomerar conosco. Aumentando a exposição de cada um.

Não sei o que é isso tão próprio da Suzana. Seu rosto se transfigura de algo que não estava ali antes. Um algo que parece pesado, condicionado, desagradado e que age, portanto, à revelia daquilo que possa haver de mais egoísta. Ou seja, natural e primariamente próprio e singular. Curioso perceber e reconhecer que a minha “carreira solo”, havia encontrado no papel, ou seja, na escrita, a escuta para aqueles ditos, que antes eram longas temáticas exploradas por entre infundáveis diálogos com Louis. Amigo devoto, e ex-marido, há quase três anos. Qual a necessidade de escrever o que “eu diria que” sobre as coisas e acontecidos?

Estava completamente zozna e nem havia bebido. A medicação sugeria que não o fizesse. E falando nisso me irritava a lembrança de haver mencionado sobre a medicação para o Joaquim. O que era aquele sentimento e aquilo que de fato me cansava sobre a convivência com a colegada? Expressão esta da qual me valho sempre que preciso me referir a um tanto de gente intimamente reunidas. Mais cedo havia conseguido me haver com as escolhas que havia feito, depois que retornamos da caminhada matinal. Lourdes achou por bem explicar que haviam seguido adiante no caminho que tomaram à frente, enquanto eu e Joaquim ficamos mais atrás. Eu sentindo: como era positivo saber escolher à medida de si próprio. Como: seguir mais à frente para estar com as próprias necessidades. Pensava que Lourdes tivesse uma reunião às 8hs. E por isso, foi à frente. E vi aquilo sob o ponto de vista de uma autorregulação e sapiência sobre si. Uma capacidade de estar no coletivo, porém sem ir ao outro deixando-se sem si<sup>4</sup>. Acontece que no jantar, Lourdes se explicou, dizendo que seguira adiante e à frente, por seguir, e que desceram pela virada asfaltada que vinha depois, e olharam para trás para se certificarem de que eu e Joaquim os seguíamos na sequência. Até que percebem que nós, depois disto, deles terem seguido adiante, retornamos ao espaço. Nós, julgando que Lourdes teria uma reunião às 8hs, como havia dito em algum momento. E Lourdes, julgando poderíamos tê-la levado à mal, nos explica, no jantar que, na verdade, seguiram ainda adiante e nos esperaram. Resumindo: vivemos inventando coisas para depois julga-las.

Será que para escrever é preciso ser ou estar introspectivo? Se disséssemos aquilo que termina vindo para o papel, será que isto significa que não escreveríamos? Perguntas puramente retóricas estas. Perguntas para levarem à possibilidade do registro de que: sempre escreveremos, porque somos como mônadas<sup>5</sup>, condenadas a ja-

4. Trecho inspirado no texto: “Oração ao tempo”, do livro *Que ninguém nos ouça*, escrito pela autora Cris Guerra, em uma de suas cartas à Leila Ferreira. Ano 2016.

5. Trecho cuja dialogação para mim aconteceu a partir do livro de Gunter Anders e Hannah Arendt (2013): “La batalla de las cerezas”

6. Fórmula nietzschiana do “sentido para mim”. Para Roland Barthes (1988), enquanto o saber diz de todas as coisas, o valor – palavra de ordem nietzschiana, faz prolongar em direção à subjetividade dos sujeitos o “isso” de uma experiência de mundo-comum ou não. A pergunta que passa a acontecer é, portanto: o que é isto para mim? Havendo, pois sempre uma intrusão do valor no discurso do saber: o que é isto? E de toda forma, questionar a seguir quem é o sujeito afinal que assim interpreta o seu “para mim”, transgredi uma interdição, posto que para o autor, é a própria interpretação, forma da vontade de poder, que existe como um processo e enquanto paixão. Ao qual os sujeitos emprestam seus corpos, sua agência, seu eros.

mais nos comunicarmos pura e simplesmente. Não somos nós que nos comunicamos. Há comunicação. Somos parte deste fluxo. Acontecemos comunicação com a fala, os corpos, as emoções, os sentidos e sentimentos, os pensamentos.

Me aparece e parece que toda escrita tem um momento de virada, aquele que passa da inspiração para a transpiração.

Agora estava confusa, mal assentada e muito mobilizada. Novamente mergulhava a saber o que me incomodava tanto nos diálogos que tentávamos juntas, eu e Lourdes. Soube que era a minha incapacidade, ou, meu não saber o que fazer com a minha ira. Com o sentimento que me vem quando a ouço, de lhe dizer, ou ter argumentos para tal: você não sabe do que está falando. Tudo começou quando falávamos da Global investidora em projetos sociais na Rede Cidadania. Antes de avançar é importante destacar que por dentro eu ouvia tocar “Pondera” de Flaira Ferro. Isso porque entendi que não era o caso de estar ouvindo por dentro “Curar de mim”, também de Flaira Ferro. Por que estava escrevendo estas e tantas outras linhas? Choro e simplesmente choro. Qual a importância das coisas que tem importância para mim?

*Quem  
Uma vez só  
Ou outra  
Pode dizer-se  
Lúcido?*

*Quem  
De uma vez  
Por todas  
Pode achar-se  
Sóbrio?*

*Eu  
Se vez ou outra sou  
Só finjo ser*

*Eu  
Se alguma vez estou  
É cedo dizer*

*Quem  
Não está apenas um passo atrás  
De qualquer esquizofrenia?*

*Quem  
Em voz alta  
A desafiar?*

*Eu  
Se vez ou outra sou  
Só finjo ser*

*Eu  
Se alguma vez estou  
É cedo dizer*

*Quem  
Não está apenas um passo atrás  
De qualquer esquizofrenia?*

*Quem  
Em voz alt  
A desafiaria?  
Levante a mão, por favor  
Levante a mão, por favor<sup>7</sup>*

7. Música composta pela cantora e compositoras brasileiras Flaira Ferro e Camila de Andrade, e gravada por Flaira Ferro, em seu álbum *Cordões Umbilicais*, em 2015.

De alguma forma naqueles dias, de modo para lá de intuitivo, me joguei a fugir para dentro das palavras. Palavras que geralmente eu não digo na hora honrada do viver. Palavras que engulo, juntamente com minhas emoções e depois mal as digiro. Palavras que provocam refluxo. Agora no papel. Palavras que me são e sabem. Palavras que clamam pela minha voz. Palavras que me revelam as agonias das quais padeço enquanto pesquiso o diálogo. Palavras que reverberam em mim a máxima: tome partido!

O que é que me acontece quando não me sinto escutada? E por que cada dito do outro me alcança como um golpe, do qual não quero me defender? É preciso a luta? Qual o lugar do conflito no entre das nossas relações?

Sem fronteiras, sem território não há relações. Elas acontecem nas regiões limítrofes. A luta social marca as renovações de pertencimento. Sugere que queremos pertencer à sermos livres para ser. Convoca ao flagrante do que é. Permite o flagrante das fronteiras que se quer superar. São visceralmente fundamentais. E só se transformam em amor em um momento posterior. São dimensões distintas, a luta e o amor. Palavra que me causa ojeriza: protagonismo. Não podemos substituir as lutas por um protagonismo social, como se um coubesse no lugar do outro. A luta é resistência, é aquilo que nos permite nos mantermos vivos. Vejam a luta dos nossos glóbulos brancos contra os vírus. Acontece que nenhuma luta precisa matar ou aniquilar o outro. A luta pode ser um convite a que o outro se consuma em autotransformação. Em autodestruição. Onde possa morrer o estritamente necessário e renascer com o tanto que se preservou. A luta social é uma intermediária ao despertar. Em tudo há luta e força de autopreservação. E lutar em sociedades com problemáticas sociopolíticas estruturantes é a saída. A minha luta não vai matar ao outro, vai convidá-lo a deixar morrer suas crenças limitantes.<sup>8</sup>

— Protagonismo é um conceito puramente neoliberal e pressupõe como se tivéssemos partido de um mesmo ponto de largada.

Alguém me diz por que raios, eu não disse isso quando a Lourdes partiu para cima contradizendo a minha proposta de trazer a versão 2.0 do nosso projeto, en-

8. Construção inspirada no poema “Autotomia” de Wislawa Symborska (2001) e em uma entrevista do cientista do INPE Antônio Nobre em 2019:  
[https://www.youtube.com/watch?v=Nhom\\_vWVFos](https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos)



9. Isto me faz pensar em uma outra música de Fláira Ferro: “Suporto Perder”, do álbum *Virada na Jiraya*, lançado em 2019.

10. Apropriação deste tornar-me em condição de Ator-Rede, tal qual em outros momentos desta escrita e para-com outros agires. Além do que se me habita uma competição velada com a Ca. Que inventou depois de seus clássicos desdém pelas coisas de se apropriar de uma escrita muito própria e em teoria ator-rede. Respiro profundamente e sinto o mal-estar instalado no dia de hoje. É um diacho estas coisas: num dia bem e no outro, onde tudo foi feito à mesma maneira do dia anterior, um dia mal. Talvez seja justamente por isso, a cada dia é preciso abrir à sua diferença de sentidos. De toda forma me refiro à repetição das coisas da vida para quais o cérebro inclusive desenvolve mecanismo de automação para poupar energia. Li sobre isto recentemente em uma reportagem da revista *Sorria* (jun/jul2021), apontado por um neurofarmacologista, Ivo Jung. Isto me parece não por acaso um uso bem sustentável de nossos recursos. Vale destacar que em espanhol quando algo *se nos ocurre*, por exemplo, é porque nos acontece à revelia das nossas possibilidades agentes e de escolha. É precisamente neste sentido que digo que: se me habita uma competição velada com a Ca.

quanto inclusão digital e lutas sociais? Diferente de me cansar de mim, acabo de me pôr no papel.

Até chegar aqui vale destacar que vagueie pelas mensagens de *whatsapp* como que na tentativa elas me tirassem de perto destas vozes por dentro. Além de ter sentido vontade profunda de masturbar. Faço isso quando estou com raiva. Fiquei apenas vagueada pelo tal *whatsapp*. Não sei se esta hipermodernidade me salvou ou nos condena a todos. Egos fracos, incapazes de sustentarem e suportarem aquilo que olham e veem.<sup>9</sup>

Querida colocar para fora a minha raiva e fui direto no grupo onde eu e Ca estamos juntas. Vivemos um muito intenso affair. Tive o melhor sexo da vida. Terminamos. Agora e ainda juntas num mesmo grupo, me ressinto de coisas e sofro. Depois me esbarrei com a mensagem de Judith e ali estava aquele maldito chamado de sempre: que eu fosse ponte. Ligando os pontos fico pensando se a ponte me é uma redenção antes que exploda de raiva ou a exploda contra o outro. Talvez seja por isso que eu escreva: porque sinto muita raiva! A ponte era sobre qualquer coisa que me prestaria prontamente tomar a necessidade do outro como minha. Certa vez ouvir que precisava compreender porque a necessidade do outro significava para mim como significava.

E os ditos da Ca eram sobre algo que já nem me lembro. Eu ainda tenho que dizer em voz alta que eu queria estar pesquisando em uma universidade federal apropriadamente concursada e que não tenho o menor motivo para não me mover nesta direção. Mas, ao contrário vou me abrir um instituto-com a sociedade civil. Vou insistir numa teimosia de que a teoria e a prática constroem diretamente juntas intervenções na realidade. Meu grande tesão: aplicação conceitual-teórica. Modéstia a parte sou excepcional nisso! Ou seja, de novo o lance das benditas pontes. E o Instituto não por acaso: Pontes e Borboletas!

Será que chegará o dia em que não escreverei por raiva e no impulso. Me doe a cervical. Já estou 30' mais tarde da hora que pensei em ir tomar o café com todos. E Lourdes quer ver um documentário comigo. Sinto muita fome. Acho que com um ascendente em Câncer, o Sol, a Vênus, Saturno e Plutão, todos em um mesmo signo e na casa 3, serei sempre o rompimento de uma represa jorrando-com força na vida e passando por cima de algumas coisas. Serei sempre este misto de violência, luta interior e suicídio daquilo que precisa morrer. Sou intensamente pulso. Talvez tudo não passe de um muito bom drama, na verdade.

Tenho fome. Mal fiz tirar os pijamas. A escrita se tornou meu 1,25mg. Ou se tornou-com<sup>10</sup> ele. Faltavam três dias e a viagem acabaria. Já procurava uma nova. Com a Pietra. Falando em pedras a Lourdes estava esperando que lhe enviasse o poema de Szymborska (2011) da pedra: “Conversa com a pedra.” Seguramente ela espera por algo que não será, sobre este poema. E fatalmente ela lhe dará uma interpretação capemba e contaminada, além de nos tentar contagiar, e à temática do poema. Lourdes insiste em não ver a gravidade das coisas. E teima em doutrinar sob a retóri-

11. ARENDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ed, UFRJ, 1992.

12. BONDÍA, L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, 2002.

13. Música “Infinito Particular” de Marisa Monte, de seu álbum que leva o mesmo nome, lançado no ano de 2006.

ca de um despertar da consciência. Ela julga o tempo todo, sem o refinamento de quem faz ao menos o juízo político de Arendt<sup>11</sup>. E eu? Eu aprendendo a não jogar a bacia, com a água suja e o bebê, fora. Gosto de Lourdes e a tenho minha amiga!

E ela ainda por cima está buscando algo que lhe represente vozes e raízes. Me pediu apoio e inspiração. Eu lhe diria que: (...). Aconteceu que jamais retornei por aqui para estes apontamentos em específico. Acontece que a Lourdes não é a minha terapeuta. Mas, eu também a aciono demais deste lugar. Assim como a tantas e tantos.

A minha questão é que eu não assumo as minhas responsabilidades por mim quando estou comigo e minhas atividades. Assim, quando vou aos encontros estou ausente deles em meio aos meus pensamentos e elaborações sobre o que entendi de como deveria ter me responsabilizado por mim em meus encontros, que me poderiam ter sido solo comigo e para mim. E ao sair dos encontros com todos e voltar a estar comigo e por conta apenas dos meus desejos e de me cuidar, estou novamente ausente disso, fazendo tudo quanto por mim com os sentidos no que foi o encontro coletivo. Estou sempre avessamente presente no que não é, ou está acontecendo. Sempre presente, isso sim, nas minhas interpretações e em meio aos meus pensamentos intermediários. Garantindo uma desconexão entre minhas informações coronárias e o meu plexo solar, minha luz, meu Sol, meu lugar. Uma insatisfação crônica se me habita<sup>12</sup>.

Meu negócio é não estar presente. A todo custo. O valor gerado é, portanto, cisão e o custo que não se atrela a qualquer mais-valia é a abertura às acontecências, e que se paga com a ausência na experiência.

A verdade é que cheguei de viagem há uma semana já. Nem mesmo voltei aqui para dizer isso. Os dias que se seguiram antes da volta foram infantóides. Ou foram insanos mesmo. As tonturas estavam de volta. Estou esgotada desta tal qual coisa corporeidade. É linda nos documentários tântricos, mas é uma droga sem precedentes. Quem aguenta... O telefone tocou na hora que havia recomeçado a me derramar aqui na escrita. Não raro isto me acontece e me rouba de estar aqui. Mas, a esta altura o que mais importava, tinha o apoio que precisava da Colômbia para a entrega final do material à Global. Ia escutar a música que tanto me recomendara, María. E depois de 50' minutos de ligação já nem sabia mais o que tanto esbravejaria nestas linhas. Mas, como o divã psicanalítico costuma informar: isto voltará também e depois. Agora já estava em cima da hora sobre terminar o relatório de Assistência Social, almoçar e correr para o médico, em tempo de jamais parar. Girando sem parar por dentro do meu labirinto de infinitos particulares<sup>13</sup>. A consulta seria com uma otorrino especialista nos cristais do labirinto. O procedimento uma manobra para colocá-los de volta nos seus lugares. E hoje mais cedo, Joana havia me dito: saí da terapia e descobri que ainda tem coisas para serem colocadas nos lugares. Malditos lugares das coisas...! Raiz de toda a minha problemática. Ou melhor a raiva por não dar conta de ser e estar diante desta constatação: cada coisa tem sua hora e lugar! Estou ao avesso, ao contrá-

rio e a partir de mecanismos psíquicos e emocionais que antes me defenderam. Defenderam do quê? Seria muito para nomear, desta vez. Talvez quando a dose for 2,50mg...!

Os dias que se seguiriam seriam de atestado – 10 dias. E mais 20 dias de férias. Completos 30 dias de puerpério depois deste parto: partida em pedaços, ida embora de mim, partida da família, despedaçada comigo e colando com calma, alma e tempo. Transbordada e me autocolando: os dias que se seguiram foram de kintsugi<sup>14</sup>. O primeiro e último desejo ingênuo: jamais me partir novamente assim. Havia morrido demais.

14. O Kintsugi é além de uma arte, uma filosofia japonesa, que ao reparar peças de cerâmicas com fios de ouro, colando lascas e partes antes quebradas, sugere que a cicatriz aparente do reparo seja a proposta de refazimento e regeneração por ela mesma, das peças, e quando não dos nossos corpos e emoções, que igualmente se quebram. Onde o reparo que poderia marcar uma peça imperfeita, faz demonstrar que este imperfeito, na verdade, gravita igualmente em torno da perfeição, é feito de história e vida, e dispõe de uma beleza, que reintegra as partes reunindo-as novamente na trama da existência e juntas naquela peça, por exemplo. Não que a proposta seja a voz da cicatriz, mas sim a voz daquela terceira coisa que surge, daquilo que transcende o que era e o reparo. Daquilo que surge do entre da relação entre a peça, os cacos a seguir, e a remontagem com os fios, não por acaso, de ouro.

